



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



RIO DE JANEIRO, 21 DE JULHO DE 1959

CONFERÊNCIA PRONUNCIADA NO CLUBE
MILITAR SÔBRE A POLÍTICA DE DESENVOL-
VIMENTO DE SEU GOVERNO.

500 Em primeiro lugar, devo uma explicação sobre minha presença neste recinto, como uma espécie de conferencista, o que poderia parecer um pouco fora das atividades habituais de um presidente da República. Na realidade, ao iniciar minha exposição pelas razões

inspiradoras, não só do meu pronunciamento de hoje, mas de outros que venho fazendo com freqüência no Rio de Janeiro e nos pontos mais diversos e opositos do Brasil, estarei ao mesmo tempo abordando o principal problema de que me ocuparei, neste encontro.

Não deixa de ter certo fundamento a crítica que me dirigem de quando em quando, segundo a qual eu me estaria comportando mais como candidato em campanha eleitoral, do que como presidente em pleno exercício das suas funções. Com efeito, desde que cheguei ao poder e comecei a pôr em execução os planos de minha política de metas, senti a impossibilidade de operar a revolução do desenvolvimento — que há de encaminhar-se bem, com a ajuda de Deus, até ao fim de meu mandato — se não continuasse a devotar parte de meu tempo a uma tarefa de elucidação e doutrina. A luta pelo desenvolvimento não será capaz de alcançar os seus objetivos, se empreendida apenas no plano material, fundando cidade, aparelhando portos, executando obras capitais no setor dos transportes, retificando o curso de rios, aumentando o potencial elétrico, buscando novas reservas de combustível líquido; para que ela seja bem sucedida, é necessário criar, formar, aguçar a opinião pública, associando-a a essa campanha, que é — se me perdoam a impropriedade da comparação — uma verdadeira guerra santa; guerra santa pela salvação do país, pela sua redenção econômica, pelo reinado de justiça longamente esperado, pacientemente esperado por muitos milhões de brasileiros, que nascem e vivem prisioneiros de condições de vida tão dolorosas, que as classificaremos, sem exagero, de atentatórias ao próprio espírito do Cristianismo.

Nem se limita essa luta ao plano nacional. Graças à Operação Pan-Americana, foi a mobilização estendida a todo o continente, num movimento de solidariedade a que o Brasil deu todo o entusiasmo, toda a adesão, todo o espírito construtivo que o anima. Não é a

501

502

Operação Pan-Americana outra coisa senão a réplica, em termos de toda uma área geográfica e de uma comunidade internacional, do esforço que resolvemos levar avante em nosso próprio território, conscientes da responsabilidade histórica que nos cabe e dispostos a arrostar obstáculos, mesmo os decorrentes da apatia inerte e da incompreensão deliberada. Os brasileiros — eis a verdade — já não se conformam em ver seu país no papel de simples figurante nas assembléias diplomáticas, sem participação apreciável na elaboração de decisões internacionais que venham a afetar o seu destino, relegado a componente de um côro despessoalizado ao fundo da cena em que algumas nações atuam e resolvem. Caminhamos para os setenta milhões de habitantes. Se nos juntarmos aos irmãos latino-americanos no esforço pacífico em prol dos interesses comuns, constituiremos uma família internacional de cerca de duzentos milhões. É preciso tornar bem claro que não nos resignamos ao destino de meros exportadores de matérias-primas, de nações confinadas a uma economia de tipo semicolonial, condenadas ao desequilíbrio, visitadas pelo espectro da intranqüilidade econômica e dependentes das caprichosas flutuações dos preços de produtos básicos nos mercados compradores.

503

A necessidade, e não o gôsto de falar, é que me traz à vossa presença no dia de hoje, como me tem trazido a reafirmar princípios e alertar a opinião pública, fazendo com que ganhe terreno, todos os dias, a consciência de que vivemos uma verdadeira época, vale dizer, uma hora presidida pelo acontecimento, posta sob o signo do acontecimento. A bem do Brasil, a bem da luta pela elevação do nosso nível de vida, a bem da própria unidade nacional, fomos obrigados a enfrentar riscos importantes, a sobreregar as tarefas e os encargos, já numerosos, de quem governa um país como este. Aceitamos os trabalhos e as consequências decorrentes da resolução de acelerar o passo, de apressar

o nosso processo de enriquecimento, para não ficarmos definitivamente à margem.

Esta decisão do meu governo, esta obrigação do meu governo, éste compromisso que não hesitei em assumir, careciam de apoiar-se em uma campanha de fortificação e esclarecimento da opinião consciente do Brasil, para que não houvesse perigo de vermos frustrados os nossos esforços. Essa nossa política, que tem caráter inequivocamente nacionalista, por ser de afirmação e consolidação da unidade nacional e independência econômica do país, essa política, simultaneamente criadora e libertadora, havia de ser formulada com força, coragem e, principalmente, com perfeita nitidez, para instaurar o clima desejável — não apenas de compreensão passiva, mas de anuênciam e colaboração dinâmica — que faça do Brasil o que ele deve e quer ser.

Sabeis que a política do desenvolvimento, tão atacada por aquêles que tentam apontar-nos como possuidos de delírio de grandeza ou provocadores de uma aventura temerária, decorre de uma decisão de prudência elementar, em que a razão e o espírito crítico estão vitalizados e impulsionados pelo instinto de defesa. Mas tudo isso importa ser profundamente meditado pelo país. Foi-se o tempo em que o Brasil podia ter apenas uma direção de cúpula, sem o concurso do povo. Foi-se o tempo em que se mudavam regimes e se assentavam decisões fundamentais de política sem real participação das vozes autorizadas das diferentes classes e da opinião coletiva manifestada nas urnas, nas assembleias, na imprensa. Hoje, o povo brasileiro está bastante politizado para não hesitar no caminho a seguir. Se auscultarmos em profundidade o sentimento nacional — como tivemos ocasião de fazer a propósito de acontecimentos recentes — veremos que êsses rumos não os estamos impondo ao povo brasileiro após frio raciocínio de teoristas, mas que estamos vindo ao en-

504

505

contro da impaciência dos reclamos legítimos, da rebeldia justificada de nossa gente.

506 O Brasil acordou para uma realidade que, até agora, não era percebida por nós em sua importância fundamental. Durante longo tempo, lutamos para consolidar nossa independência política, para assentar nossas instituições em sólidas bases jurídicas, para encontrar um equilíbrio entre os nossos anseios de liberdade e as servidões de fato. Enquanto isso ocorria, enquanto travávamos duelos oratórios sobre as magnas questões nacionais, crescia e se acumulavam os problemas materiais. Recentemente, o aumento populacional passou a reclamar uma atenção que nunca lhe déramos na proporção exigida por sua magnitude. Em poucos anos, tivemos de enfrentar obstáculos extraordinariamente dificeis. Possuímos uma noção puramente política do país e, de súbito, caímos na realidade. Sentimos aproximar-se a hora exata de uma *crise*, isto é, a hora da opção, o momento de decidir qual o rumo que tomar: se o que nos levaria de imediato à condição de grande país, ou se o moroso caminho de país “essencialmente agrícola” no velho sentido, de terra de poucas culturas e de indústrias extractivas, de economia dependente. Até então, desejávamos apenas que a compra dos nossos produtos primários nos permitisse importar utilidades e proporcionar conforto e luxo a uma pequena minoria que demandava todos os anos a Europa, a fim de ilustrar o espírito ou desenfadar-se.

507 Não parecíamos acompanhar o ímpeto das nações que caminhavam de acordo com a época, que, ao mesmo tempo, realizavam obra de cultura e incorporavam os benefícios das revoluções tecnológicas do mundo moderno.

508 Despertamos há pouco tempo, tangidos pela imposição da realidade, e verificamos que o país tinha de enfrentar dificuldades que ameaçavam sua existência,

que lhe barravam o caminho para o dia de amanhã, que punham em causa a sua própria unidade, esse patrimônio precioso que nos cumpria conservar. Abrimos os olhos e não nos vimos em condições de acompanhar a marcha dos países desenvolvidos: faltavam-nos não só os meios de sustentar uma população, cujo crescimento vegetativo começava a tornar-se alarmante, mas ainda os de proporcionar-lhe vida condigna.

Sabíamos que éramos um país imenso, uma espécie de império territorial, uma das maiores nações com individuação e personalidade própria existentes no mundo. Tínhamos disso uma noção superficial, que lograva alvorçoar as imaginações preguiçosas e servia de tema a discursos em que se falava de nossa grandeza da mesma maneira que se falava em liberdade. Então nos ufanávamos de nossos rios, mas nossos rios, com raras exceções, não tinham sido navegáveis. Falávamos de nossos campos, dos sertões, dos planaltos, das facetas numerosas de nossa corografia, e só depois, só em tarda hora, nos fomos dar conta de que nos faltavam transportes e estradas de penetração, de que éramos uma espécie de arquipélago demográfico, de que não havíamos explorado a maior parte de nossos domínios e de que, a alguns quilômetros de certos centros povoados, reinava o desconhecido. Quando chegou para nós a era da aviação comercial e nosso território foi sendo cortado em todos os sentidos, só aí nos capacitamos de que a realidade brasileira era o deserto — o deserto ponteado de pequenas e heróicas concentrações humanas, de núcleos reduzidos e escassas aglomerações espalhadas pelos quatro cantos, a servirem de marcos isolados na ocupação do território nacional. Tarde descobrimos — mas com que profunda emoção — a tarefa de estabelecer as comunicações e as bases sobre as quais se deveria erguer um novo país, o país que deverá nascer de nós para que o Brasil sobreviva e cresça.

509

- 510 Com essa noção mais exata da realidade é que começou a despontar o novo nacionalismo brasileiro. Eis chegado o momento de definir o nacionalismo, de estabelecer e caracterizar as suas fronteiras.
- 511 Somos todos nacionalistas; não seremos nem brasileiros, nem contemporâneos dos problemas que nos solicitam e desafiam as energias, se não formos nacionalistas. Não seremos homens dos nossos dias, se não participarmos do movimento nacionalista no sentido amplo, que deriva marcadamente de um estado de espírito, de uma necessidade de afirmação ligada ao sentimento da própria dignidade e, também, ao dever de encontrar a solução para os problemas da nossa terra. Somos nacionalistas porque desejamos respostas nacionais, e não fórmulas puramente cerebrinas e artificiosas, para nossos problemas. Não somos xenófobos, nem desprezamos a contribuição estrangeira. Reconhecemos tudo o que lhe é devido: nesta nação móca, em plena formação, poucos são os brasileiros que não descendem, em gerações muito próximas, de homens de fora. Não ignoramos que, para nos desenvolvermos, para efetivamente levarmos adiante nossa obra nacional, temos de ir buscar no exterior, em condições que nos interessem, apoio técnico, experiência, equipamentos e capitais. Seria negar a própria realidade brasileira não dar merecido valor à nobre e profícua colaboração dos que vieram de suas regiões natais para trabalhar a nossa terra, lançar as bases de nossa riqueza e fornecer-nos, além dos frutos do seu labor, os frutos do seu amor, que são êsses numerosíssimos nacionalistas da primeira geração tão brasileiros quanto os que mais o sejam.
- 512 Mas não vamos confundir colaboração estrangeira efetiva e benéfica, colaboração principalmente em trabalho e energia humana, com atividades estrangeiras especuladoras, insensíveis a qualquer outra voz que não a do puro interesse, incapazes de considerar o nosso

país nos térmos da necessidade de crescer e desenvolver-se.

Que temos de buscar o que há de construtivo e fecundo, de necessário e indispensável na experiência acumulada de outros povos, ninguém ousará negar. Basta contemplarmos o nosso território. Conforme tive ocasião de afirmar, em discurso dirigido ao Corpo Diplomático acreditado junto ao meu governo, o Brasil é um país que, por vocação nacional, acolhe e assimila. O que prova a nossa personalidade, o que justifica essa confiança tão fundamentada e enraizada em nós, é realmente a capacidade de assimilação, a vocação para tornar brasileiro o que vem para o Brasil de qualquer parte do mundo, sem prevenções ou discriminações. Somos nacionalistas e somos, ao mesmo tempo, uma grande democracia racial. Nossas portas estão abertas, como sempre estiveram, a todos os povos do mundo. O preconceito racial como o ódio ao estrangeiro são produtos indesejáveis de importação. Para sermos obedientes aos nossos sentimentos nacionalistas, devemos recusar-lhes guarda e impedir que se infiltram em nosso território. Os que aspiram a vir trabalhar, produzir, criar riqueza, colaborar efetivamente conosco, integrar-se na unidade nacional, continuar a obra de tantos imigrantes benfeiteiros da nossa Pátria, que venham, e serão cordialmente recebidos.

Cumpre, entretanto, distinguir entre colaboração e exploração. Somos um país com objetivos nacionais; desejamos assegurar às gerações futuras horas melhores e mais tranqüilas que as de hoje, e isso nos obriga a rejeitar a idéia de parecermos terra de ninguém, exposta à cobiça, ou à mercê de frios interesses. Somos também contra os que vêm fantasmas e inimigos em toda parte; mas, onde houver inimigos de fato, e não fantasmas, o nosso nacionalismo exercerá sua ação esclarecida e implacável. Manteremos fidelidade à nossa natureza acolhedora e largamente humana, mas estaremos, ao

513

514

mesmo tempo, alerta contra os que imaginarem que, por virem as portas abertas, a nossa casa não tem dono.

515 A característica mais significativa do nosso nacionalismo é a consciência do desenvolvimento. Seremos nacionalistas na medida em que formos favoráveis, mais do que isso, na proporção em que formos dedicados ao desenvolvimento nacional. Não são nacionalistas os que não crêem no Brasil, os que o negam ou nêle não confiam, os que se recusam a produzir — porque nacionalismo significa confiança, significa disposição e vocação para o trabalho, para a ação em prol do desenvolvimento.

516 A experiência dos meus três primeiros anos de governo veio reforçar ainda mais a minha convicção de que o problema do desenvolvimento é o problema número um do Brasil e deu-me a certeza de que não nos faltam os requisitos básicos para resolvê-lo. Em pouco tempo, conseguimos libertar-nos da mentalidade e da política típicas dos países subdesenvolvidos ainda passivamente resignados à sua condição, num conformismo fatalista. O Brasil já começa a avaliar mais exatamente a importância da fase de transição por que vai passando e está disposto a sacrifícios para realizar uma transformação fundamental de sua economia, transformação qualitativa e não apenas quantitativa. Razões históricas e não causas fatais respondem por nossa presente inferioridade material. Está ao nosso alcance modificar o curso dos acontecimentos, encurtando a distância que nos separa dos povos que tomaram a dianteira do desenvolvimento. Mas esse objetivo não será alcançado, se nos limitarmos a permitir que as coisas sigam o seu andamento natural. A observação dos fatos econômicos tem demonstrado que o desnível entre os povos desenvolvidos e os subdesenvolvidos vem aumentando constantemente neste século e meio consecutivo aos primórdios da Revolução Industrial. No que nos diz respeito, a taxa de crescimento da economia brasi-

leira na primeira metade do século não ultrapassou de muito a média anual *per capita* de um e meio por cento. Essa taxa é inferior à que se observa secularmente nos Estados Unidos e que vai a dois por cento. Para termos idéia da significação dramática do problema, basta formular algumas hipóteses relativamente ao futuro. Suponhamos que, mediante um esforço tenaz, nos seja possível dobrar a taxa de crescimento nacional. Aumentando-a de um e meio para três por cento, atingiríamos, ao final do século, uma renda *per capita* ainda inferior à metade da atual renda dos Estados Unidos e cinco vezes menor que a da população daquele país no ano dois mil.

Impõe-se, portanto, a conclusão de que, num país como o nosso, não sómente as peculiaridades geográficas e humanas, mas também os dados acerca da evolução econômica indicam o desenvolvimento acelerado como o único caminho de salvação. Nenhuma política será legítima, se não objetivar, com caráter prioritário, o desenvolvimento. É esta uma diretriz que já nenhum governo poderá abandonar no Brasil.

Passemos agora ao exame de nossas relações com a economia internacional, tomando como premissas as considerações que acabo de fazer. O Brasil tem todo o interesse em intensificar o seu intercâmbio com os demais países, principalmente para ter acesso às fontes da técnica moderna e adquirir os equipamentos que ainda não estamos em condições de produzir. O aumento das trocas não constitui, porém, solução completa para nossos problemas. Com efeito, as estatísticas comprovam que a expansão do comércio internacional não tem acompanhado o aumento do volume da produção mundial. Essa perda de importância relativa do comércio internacional decorre essencialmente de dois fatores: a substituição das matérias-primas naturais por outras sintéticas e o papel menos relevante dos produtos primários e secundários no intercâmbio, em con-

517

518

seqüência do desenvolvimento. Para ilustrar esse fenômeno, citarei dados relativos ao período 1950-55, caracterizado por intensa atividade econômica mundial. Nessa fase, a produção manufatureira aumentou de trinta e nove por cento na Europa Ocidental e de trinta por cento nos Estados Unidos. O incremento do produto bruto foi de vinte e oito e vinte por cento, respectivamente. Ora, durante o mesmo período, o *quantum* do comércio mundial de matérias-primas cresceu apenas de doze por cento, percentagem que se reduz à metade se não considerarmos as vendas de petróleo, que beneficiam um número muito limitado de países.

- 519 Eis aí por que não nos é lícito esperar do aumento do intercâmbio internacional o impulso precípua para nosso crescimento. Tal impulso deve ser criado internamente, graças a uma política eficaz de industrialização. Voltamos, assim, a encontrar novas razões para um tratamento prioritário do desenvolvimento, cujos objetivos só poderiam ser subordinados ao ideal da estabilidade monetária, se nossa economia tendesse a alcançar espontâneamente uma taxa satisfatória de crescimento. Uma vez, porém, que nossa taxa histórica de crescimento é de modo manifesto insuficiente, o sacrifício do objetivo máximo da intensificação do desenvolvimento importaria em dar de antemão a batalha por perdida. Não desejamos alcançar a estabilidade a qualquer preço, pondo a perder a nossa política de desenvolvimento. Cumpre, aliás, assinalar que o esforço de investimento da economia brasileira nos últimos anos não pode ser considerado anormalmente grande, pois que se situa num nível entre treze e dezesseis por cento do produto bruto. Em vários países, de estrutura similar à do Brasil, essa taxa tem-se elevado a dezoito e, mesmo, vinte por cento. Diga-se, mais, que a participação do setor público no conjunto da nossa economia não é desmesurada, sendo raro que

atinja os vinte e cinco por cento considerados normais até em países onde o processo de formação de capital depende muito menos da ação pública. No que toca à despesa orçamentária federal, a participação no produto bruto declinou para 11,7 por cento em 1958, depois de haver alcançado 12,1 em 1956. Nessas condições, não estamos exigindo da nossa economia um esforço superior ao que sua estrutura é capaz de suportar: não há sobreinvestimento, nem volume exagerado de inversões públicas. Se quiséssemos proceder a uma redução brusca dos investimentos ou dos gastos públicos, teríamos uma diminuição da atividade econômica e correríamos o grave risco de pagar em desemprego o que ganhássemos em moderação inflacionária. O combate à inflação deve ser tenaz, ininterrupto, mas os remédios devem ser aplicados com prudência, a fim de evitar sérias repercussões de natureza político-social.

Falando numa associação de militares, não poderia deixar de referir-me à ordem, a essa ordem sem a qual todo esforço pelo desenvolvimento resultaria infecundo, inútil, destituído de qualquer base. A luta pelo desenvolvimento só será levada a efeito dentro de um planejamento ordenado, e com equilíbrio político. Pouca semelhança existe entre a hora em que iniciamos a nossa industrialização e aquela em que os Estados Unidos lançaram os fundamentos de seu poder econômico. Em nossa era, as investidas pioneiras e os empreendimentos individualistas têm campo muito restrito. Os problemas sociais, as ligações cada vez maiores entre diversas economias nacionais, a própria luta de interesses transportada para um plano muito diferente em consequência da formação de grandes empresas de influência mundial, tudo isso mudou as características da batalha em prol do avanço dos países. A tecnologia adquiriu importância decisiva. Em todos os ramos da atividade humana, qualquer progresso se subordina ao conhecimento da técnica, que domina o mundo na paz e

520

guerra, pois o poderio militar, tão intimamente ligado à capacidade industrial moderna, também é decorrência da técnica.

521 Ao lado dessa necessidade absoluta de procurarmos conquistar as técnicas modernas para avançarmos e progredirmos, temos que firmar a nossa estabilidade política, pressuposto de toda ação ordenada. Nunca uma nação dependeu tanto da estabilidade de suas instituições como a nossa, quando está lançada a sorte do nosso desenvolvimento, isto é, o nosso próprio destino. É preciso que os povos com que mantemos relações de amizade e colaboração sintam que temos o domínio de nós mesmos, o disciplinamento em nossas forças, obediência às nossas próprias leis, que aplicamos bem as nossas energias, para que também nos respeitem e nos dêem o tratamento que desejamos e a que temos direito. A indecisão e a atividade polêmica só se têm como naturais enquanto se tateia, enquanto se procura um caminho. Mas já não vivemos na incerteza quanto ao que nos cumpre realizar. Perdemos tempo demais, e esse tempo tem de ser recuperado, e nenhum brasileiro digno desse nome pode alhear-se desta verdadeira guerra, já deflagrada, para a conquista do nosso futuro. A defesa da ordem, da paz, da harmonia social é um imperativo da política nacionalista. Digo-o diante de membros de uma classe que tem demonstrado a mais alta compreensão dessa face fundamental do problema e que está penetrada desse sentimento de responsabilidade, sem o qual não é possível governar nações da importância da nossa, num mundo cheio de dificuldades e problemas.

522 Não desejo encerrar esta palestra sem uma palavra que traduza o reconhecimento do Brasil para com suas classes armadas. Se a unidade nacional foi uma obra milagrosa, digna do gênio do nosso colonizador, que criou uma nação, é impossível também negar a função conservadora dessa unidade, exercida no Império e na

República pelas Fôrças Armadas. Recebemos um patrimônio imenso, e vós colaborastes de maneira preponderante para preservá-lo das cobiças, para defendê-lo de ameaças, constituindo-vos não apenas numa fôrça de pura vigilância, mas numa instituição unificadora, num elo a mais que manteve a firmeza do conjunto. Sois uma fôrça democrática. Lidais com a juventude de todo o Brasil. Nas vossas fileiras, a matéria-prima é uma só: os moços do Brasil. Sem distinção de classes, de condições de fortuna, sem discriminação de raças, são iguais perante vós. Agora, tendes uma nova bandeira, tão importante quanto a da própria unidade do Brasil, a bandeira do desenvolvimento, da qual depende essa mesma unidade e a sobrevivência d'este país nas condições em que nos interessa sobreviver. Participais de duas maneiras dos benefícios do desenvolvimento: como brasileiros e especificamente como militares, pois a posse dos recursos defensivos e dos complexos engenhos de guerra de hoje é privilégio de nações desenvolvidas, de que só participaremos plenamente pela fôrça do nosso próprio desenvolvimento.

Meus Senhores: Tive o maior prazer em ter exposto aqui meu pensamento sobre problemas de tanta monta, que tentei enfrentar com ânimo e dedicação. No exercício de meu cargo, fiz o que pude e, modéstia à parte, foi mais do que esperava fazer. O tempo dirá se foi mero *slogan* de propaganda política o dos cinqüenta anos em cinco. Estamos dando passos realmente acelerados e os mais difíceis de todos, porque os primeiros. Não me iludo quanto às dificuldades que ainda encontraremos à medida que avançarmos em nossa marcha. Serão tropeços ainda maiores que os do presente momento. Ninguém se surpreenda ante tôda a sorte de obstáculos e ciladas que procurarão embaraçar a caminhada do nosso país. Não se empreende uma luta como esta, em prol do desenvolvimento nacional, sem correr riscos; não se dispõe uma nação a afirmar

523

seus direitos, a rejeitar uma posição coral ou de retaguarda incaracterística, não se enfrenta a pobreza, não se constrói nada de duradouro, sem que surjam fôrças contrárias. Essas fôrças, eu as conheço e sei onde estão e o que pretendem. Atuação, porém, em pura perda, porque está traçado o destino do Brasil — e ninguém conseguirá fazer com que faltemos ao nosso dever de ser uma grande Nação, uma grande Pátria.

- 524 Nas horas dificeis que atravessamos e nas que nos esperam, encontraremos confôrto e estimulo na certeza de que são passageiras e triunfaremos na medida em que estejamos decididos a preservar, acima de tudo, a unidade nacional, os objetivos e interêsses supremos do país considerado no seu todo, indiviso, íntegro.
- 525 O povo brasileiro está decidido a completar o seu desenvolvimento e nada o deterá.